

“De costas

José Nêumanne Pinto

Asituação é grave, parece. Os ménudos econômicos desafiam de vez e parecem desconhecer a obviedade teórica de que não se pode descuidar do câmbio, não se pode brincar com uma crise cambial. “Eles simplesmente não leram os livros elementares da teoria econômica”, diverte-se o constituinte Delfim Netto. O país perplexo, o Governo parece não saber o que fazer, os empresários ensaiam seguir os passos de Thoreau e proclamam a desobediência civil, os operários perdem a paciência, os funcionários públicos resolvem paralisar de vez a máquina burocrática. O Brasil voa da euforia do cruzado (“todos os problemas econômicos estão resolvidos, vamos comemorar”) e mergulha na mais funda e estéril depressão.

Sé Jorge Guillén, o grande poeta espanhol, um dos maiores deste século, vivesse aqui entre nós, fosse um consumidor dos discursos de Mário Amato, compulsasse as obras completas do engenheiro Brizola, consumisse avaramente os discursos sem inspiração do ex-guerrilheiro José Genoíno, ele encontraria inspiração para escrever seu poema em prosa sobre “O fim do mundo”. E escreveria: “Parece tão próximo o fim a certos pusilâmines que até se retiram a uma montanha para aguardá-lo a passo calmo. Fim é dia do juízo. Os presságios vão precipitando-se. Tudo se entende porque está muito escuro.” Nem mesmo a instalação da Constituinte, antes considerada, erroneamente, é claro, a panacéia universal, parece reduzir o pânico. Tudo parece perdido.

O poeta contemplaria o mar de bandeiras vermelhas na tarde ensolarada de Brasília, em frente ao Congresso Nacional e se lembraria de quê antes naquela grama pareciam nascer apenas tanques, carros militares. Ouviria os versos (tão pouco inspirados, coitado) de seu colega Thiago de Mello acompanhados pela orquestra do maestro Cláudio Santoro. E teria motivos para juntar assim às palavras: “Terrível, esse estrondo. Escuta bem. Já um cataclismo? É o motor que passa. Trincam os cimentos, escasseia o ar? Uma casa em construção. Como cheira acolá química, puríssima química: nauseabundos olores elaborados, dirigidos.”

Todos parecem desesperados com os designios do futuro, esquecendo-se todos da frase lacônica do ex-mandatário da República de sempre, segundo quem “o futuro a Deus pertence”. Isso é fácil de entender, diria Jorge Guillén, em seu texto famoso. “Nada mais fácil para a inteligência do que o abandono a um apocalipse. Nenhuma tentação seduz o ânimo vulgar como o desânimo. A morte no-lo resolverá tudo, ocultos em nosso medo, frente aos incessantes abismos?” Ou seja, também para uma sociedade a lógica suicida atrai pela comodidade que apresenta o ponto final para resolver um enigma. É preciso, contudo, fugir dessa lógica, buscar outra lógica na construção, na atividade, no desempenho, no trabalho. Precisamos trabalhar para construir. É mais difícil; É mais útil.

Uma nação, como esta nossa, não pode viver na ciclotimia absurda, entre a euforia irresponsável e o desânimo suicida. Não há motivo para uma atitude irresponsável, porque os problemas são vastos. Temos uma economia debilitada por um mal crônico — o câncer da ineficiência. A

ao destino”

inflação é apenas a febre que esse câncer provoca. O Plano Cruzado levou todos à euforia, mas apenas foi um antipirético, fez baixar a febre, não combateu, em nenhum momento, o câncer da ineficiência em si. Não havia motivos para comemorar. Tínhamos que ter feito uma cirurgia violenta, na qual a ausência de febre poderia funcionar como anestésico, mas jamais ser interpretada como cura.

Perdeu-se, então, uma excelente oportunidade para se extirpar o câncer definitivamente. É provável que, com a perda dessa oportunidade, ele tenha crescido, tenha havido a temível metástase. Mas haverá motivo para se desesperar? Pode pensar na eutanásia como única saída? Não me parece que a saída esteja no lado oposto da euforia, que é o desespero. Afinal, nem todas as oportunidades parecem perdidas. Ao longo desses anos, apesar de sua crônica ineficiência, a economia brasileira tem mostrado sinais de vitalidade impressionante. Não se deve relegar, por exemplo, o fato notável de que, apesar do verdadeiro massacre estatizante, haver uma iniciativa privada ativa e dinâmica, capaz de manter o organismo vivo, apesar da doença grave.

A todos quanto se perdem, deixando de trabalhar para comemorar ou para se lamentar, vale deixar o alerta de Jorge Guillén: “Fim do mundo, de teu mundo... acalma-te. Dá corda no relógio. Ainda se necessitarão milhões e milhões de anos. Ainda que a história ocorra vertiginosamente, os minutos são muito lentos. Paciência, paciência intra-uterina.”

Entre os sons do carnaval comemorativo e o ruído de ranger de dentes da crise, é preciso dar um tempo à administração dos interesses da sociedade, gerir os negócios públicos. Se isso não acontecer, pouco restará para comemorar e tudo será motivo para lamentações. Aproveitando que há uma oportunidade séria de trabalho para valer, que é a Constituinte, reunida em Brasília desde o domingo passado, vamos lembrar, mais uma vez, o grande Guillén espanhol, no poema em que ele define “os intranquilos”. Um poema assim pode servir de canto de trabalho, de lema, para fugir ao desespero e à euforia.

Guillén escreveu o seguinte: “Somos os homens intranquilos em sociedade. Ganhamos, gozamos, voamos. Que mal-estar o amanhã assoma entre nuvens de um céu turvo com asas de átomos-aírcanos como um anúncio. Estamos sempre à mercê de uma cruzada. Por nossas veias corre sangue de catarata. Assim vivemos sem saber se o ar é nosso. Quiçá morramos na rua, quiçá na cama. Somos, entretanto, felizes. Seven o'clock. Tudo é bar e delícia escura. Televisão.”

A situação é grave. Vivemos o desconcerto de uma crise. Apenas é preciso cuidar para que o grande desconcerto dessa crise se acabe um dia, pois, se não se acabar, transforma-se numa contradição “que não nos deixa viver nosso destino, cada um às costas do seu, num âmbito despótico” (para encerrar, fiel a Jorge Guillén). Para viver seu destino, o Brasil precisa trabalhar muito e duro e deixar as comemorações e as lembranças para depois, pois não podemos mais nos dar a esses luxos.